



## **PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E IMPREVISTOS: ANÁLISE DE UMA OFICINA DE *STOP MOTION* DESENVOLVIDA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Jocilene Cristina de Oliveira  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR  
[joci.cristina@hotmail.com](mailto:joci.cristina@hotmail.com)

Marilaine Luzia Cintra  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR  
[marilainecintra@alunos.utfpr.edu.br](mailto:marilainecintra@alunos.utfpr.edu.br)

Línlya Sachs  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR  
[linlyasachs@yahoo.com.br](mailto:linlyasachs@yahoo.com.br)

**Resumo:** Neste texto, apresentamos reflexões sobre a formação inicial de professores de Matemática desencadeadas a partir de uma experiência de uma oficina de *Stop Motion* realizada no âmbito do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática, com estudantes do Ensino Médio, da modalidade Educação de Jovens e Adultos. Apresentamos alguns detalhes sobre o planejamento e a execução da oficina e realizamos uma discussão a respeito da importância do planejamento de aula e de modos de lidar com os imprevistos que acontecem na prática docente. A realização do planejamento, com orientação da professora da universidade e com a participação de outros licenciandos, possibilitou antecipar dúvidas que poderiam surgir com os estudantes da Educação Básica, mas, apesar disso, ocorreram muitas situações inesperadas na execução da oficina, que exigiram das licenciandas decisões rápidas e racionais – que são alguns dos saberes constituídos na prática profissional do professor.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Licenciatura em Matemática. Prática docente.

### **INTRODUÇÃO**

Neste texto, apresentamos reflexões sobre a formação inicial de professores de Matemática desencadeadas a partir de uma experiência de uma oficina realizada no âmbito do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Cornélio Procópio<sup>1</sup>, com estudantes do Ensino Médio, da modalidade Educação de Jovens e Adultos, de uma escola pública do município de Cornélio Procópio, Paraná, no primeiro semestre de 2017.

---

<sup>1</sup> A oficina foi desenvolvida pelas duas primeiras autoras, sob orientação da terceira autora.

O estágio supervisionado, à época<sup>2</sup>, estava organizado em quatro disciplinas – Estágio Supervisionado A, B, C e D – que somavam 405 horas. Este relato se refere a atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado B, previsto para o 6º período do curso (de um total de oito períodos). A carga horária dessa disciplina era de 105 horas e entre seus objetivos estava o de propiciar uma experiência de docência na escola de Educação Básica diferenciada do estágio de regência em uma turma regular.

A professora da disciplina propôs para essa turma que, após um período de observação de aulas de matemática na Educação Básica, fossem desenvolvidas oficinas de temas diversos. A ideia era que a matemática não fosse “forçada” a aparecer; mas que ela aparecesse naturalmente – caso aparecesse. Uma inspiração para essa proposta foi a discussão empreendida por Lins (1999), que exemplifica com um assunto que costuma ser tratado por professores em aulas de matemática: as pipas. Ele afirma que não faz sentido propor cálculo de área, de perímetro, da perpendicularidade, mas não falar sobre o que realmente importa para quem empina pipas: a capacidade de voo e a beleza. Assim, a professora pediu que os alunos tivessem o foco no tema da oficina e não na matemática, pois esta seria secundária<sup>3</sup>.

Os temas das oficinas foram escolhidos pelos licenciandos<sup>4</sup>: Pipas, Cultivo de Hortaliças, *Stop Motion* e Contação de Histórias. Neste texto, apresentamos alguns detalhes sobre o planejamento e a execução da oficina de *Stop Motion*. Com isso, fazemos uma discussão a respeito da importância do planejamento de aula e de modos de lidar com os imprevistos que acontecem na prática docente. Foram úteis, para essa análise, os relatos feitos pelas estagiárias em *blogs* desenvolvidos como uma atividade obrigatória da disciplina de Estágio Supervisionado B<sup>5</sup>.

## PLANEJAMENTO DA OFICINA

---

<sup>2</sup> No ano de 2017, o curso passou por uma reestruturação, em que foi modificada a organização do estágio supervisionado. Essas mudanças no estágio aconteceram de modo progressivo, sendo que, a partir do ano de 2019, o estágio passou a acontecer apenas no novo formato.

<sup>3</sup> Um resultado encontrado com essa experiência, que não será abordado neste texto, é que pouca ou nenhuma matemática apareceu nas oficinas, a despeito da afirmação tão fortemente veiculada de que “a matemática está em tudo”. Os licenciandos, em sua maioria, atribuíram isso à falta de tempo e a sua incapacidade de fazer conexões entre o tema da oficina e a matemática.

<sup>4</sup> Havia sete licenciandos matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado B e as oficinas foram realizadas em duplas ou de modo individual.

<sup>5</sup> Cada licenciando deveria criar um *blog*, em que constariam, ao menos, postagens com as seguintes temáticas: “escola? O que é?”; “o que espero deste estágio?”; “primeiras impressões”; “vivendo a escola”; “as oficinas estão chegando...”; “oficinas acontecendo... como estou indo?”; “ufá, terminaram as oficinas!”; e “retrospectiva”. Os itens que seriam avaliados pela professora da disciplina eram o respeito às datas de postagens, apresentação e reflexão sobre rastros de experiência e a apresentação visual do *blog*.

O planejamento das oficinas iniciou após o período de observação de aulas em turmas da Educação Básica realizada pelos licenciandos. Conhecer os estudantes e seus interesses era importante para que se pudesse pensar em temas (não matemáticos) para as oficinas.

No caso aqui relatado, as observações foram realizadas em uma turma de Ensino Médio da modalidade Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. Assim, o planejamento foi realizado com foco nesses estudantes, que eram, em sua maioria, jovens (com, no mínimo, 18 anos) que, por alguma razão, pararam os estudos e voltaram posteriormente. Havia, também, dois estudantes mais velhos que não frequentavam a escola havia mais de 18 anos.

Como parte do planejamento, para um teste inicial e para realizar possíveis ajustes, os licenciandos deveriam desenvolver parte da oficina com os colegas de turma antes de desenvolvê-la na escola em que realizavam o estágio supervisionado. Com isso, a professora e os demais matriculados na disciplina puderam contribuir com sugestões de encaminhamento para a oficina. Para as estagiárias, também, foi uma forma de terem mais segurança para realizar a primeira regência do estágio supervisionado, pois, no semestre anterior, na disciplina de Estágio Supervisionado A, foram realizadas apenas atividades de observação nas escolas.

A dupla de licenciandas optou por desenvolver uma oficina sobre *Stop Motion*, que consiste em uma técnica de animação a partir de fotografias. Diversas imagens “paradas” (por isso, *stop*) juntas podem dar uma sensação de movimento (por isso, *motion*).

A oficina seria realizada durante as aulas de matemática do Ensino Médio da modalidade Educação de Jovens e Adultos, com a concordância da professora da turma, com um total de 12 horas-aula. No Quadro 1, apresentamos o planejamento realizado, considerando a carga horária para cada parte da oficina, os materiais necessários, os objetivos e a descrição do desenvolvimento.

*1º dia da oficina*

Data: 10/05/2017

Carga horária: 3 horas-aula

Materiais necessários: computador e projetor

Objetivos: apresentar a técnica do *stop motion*; definir, junto aos grupos de estudantes, temáticas e roteiros para criação de vídeos utilizando a técnica do *stop motion*.

Desenvolvimento: Inicialmente, serão projetados três vídeos que utilizam a técnica do *stop motion* e será explicado como são realizados esses vídeos, onde e como surgiu a técnica e algumas artimanhas para que obter um bom resultado. Depois disso, a turma será dividida em grupos para que pensem em temas e elaborem roteiros para criação de vídeos utilizando a técnica do *stop motion*. Na próxima

aula, os estudantes deverão levar os materiais necessários para os seus vídeos, de acordo com os roteiros elaborados.

*2º dia da oficina*

Data: 17/05/2017

Carga horária: 3 horas-aula

Materiais necessários: câmeras fotográficas ou celulares *smartphone*, tripé e materiais escolhidos para o desenvolvimento dos roteiros de vídeos elaborados.

Objetivos: obter as fotografias necessárias para a posterior elaboração dos vídeos.

Desenvolvimento: Em um ambiente adequado, os grupos deverão fotografar os objetos escolhidos, de acordo com os roteiros previamente elaborados. Eles deverão atentar-se para que mantenham a iluminação nas diversas fotografias e não movimentem a câmera fotográfica (por isso, a importância do tripé). A quantidade de fotografias dependerá do roteiro elaborado e do tempo de vídeo que querem criar.

*3º dia da oficina*

Data: 31/05/2017

Carga horária: 3 horas-aula

Materiais necessários: computador com acesso à internet, cabo para descarregar as fotografias da câmera fotográfica ou do celular para o computador e editor de vídeos (sugestão: YouTube).

Objetivos: descarregar as fotografias das câmeras fotográficas ou dos celulares para o computador; editar e criar o vídeo com a técnica de *stop motion*.

Desenvolvimento: Na sala de informática, os grupos deverão descarregar as fotografias das câmeras fotográficas ou dos celulares para os computadores. Com isso, eles deverão acessar o editor de vídeos do YouTube para criação dos vídeos, analisando o tempo entre a apresentação de uma fotografia e outra, para dar a sensação de movimento. Os vídeos deverão ser finalizados nesse dia.

*4º dia da oficina*

Data: 07/06/2017

Carga horária: 3 horas-aula

Materiais necessários: computador e projetor

Objetivos: socializar os vídeos desenvolvidos pelos grupos; discutir a qualidade dos vídeos, dependendo da maneira como foram feitas as fotografias e do tempo entre as fotografias no editor de vídeos.

Desenvolvimento: Cada grupo deverá apresentar seu vídeo para a turma, utilizando o projetor. Após todas as apresentações, será discutida a qualidade dos vídeos, dependendo da maneira como foram feitas as fotografias, considerando o movimento da câmera fotográfica, a iluminação e os objetos escolhidos, e do tempo entre as fotografias no editor de vídeos. Nesse último ponto, poderá surgir

uma discussão matemática sobre os valores que foram inseridos no editor de vídeos, em segundos, décimos de segundos, centésimos de segundos e milésimos de segundos.

**Quadro 1** – Planejamento da oficina de *Stop Motion*  
Fonte: as autoras

Na sequência, apresentamos como foi a execução da oficina planejada.

**RELATO DA OFICINA**

Nesta seção, apresentamos um relato de como foi executar a oficina planejada, com os imprevistos e improvisos!

Para o primeiro dia, era necessário um projetor para que todos pudessem assistir os vídeos que exemplificariam a técnica de *stop motion*. Como a escola onde foi realizado o estágio supervisionado não possuía projetores em todas as salas, era necessário reservar o único projetor disponível para utilização naquele dia e horário. Porém, as estagiárias se depararam com um primeiro problema: ele estava lá, mas o cabo que liga no computador, não. Depois de muito procurar, notaram que uma professora que havia utilizado anteriormente o equipamento levou, por engano, embora. E não chegaria a tempo para que fosse utilizado naquele dia.

Uma saída encontrada poderia ser utilizar a TV Pendrive<sup>6</sup>, que há em todas as salas de aula das escolas estaduais do Paraná. Uma primeira dificuldade foi a utilização do controle remoto, pois o daquela sala não estava funcionando; apenas o terceiro testado – de outras salas de aula – funcionou. Porém, por uma incompatibilidade no formato dos vídeos, não foi possível reproduzi-los. Desse modo, as estagiárias dividiram os estudantes em dois grupos e utilizaram dois *notebooks* para exibição. Nesse dia, estavam presentes 17 estudantes.

Na sequência, os estudantes começaram a planejar os roteiros para criação de seus vídeos. Havia certa insegurança das estagiárias sobre como seria a recepção dos estudantes para essa atividade, considerando que são adultos e poderiam não se interessar pela proposta. Não houve resistência por parte deles; alguns mostraram-se bastante empolgados e outros, contudo, recusaram-se, inicialmente, a realizar a atividade em grupo. Depois de um tempo, porém, todos aceitaram participar – obviamente, uns com mais empenho e, outros, menos.

Foram formados, neste dia, seis grupos. Um deles pensou em desembulhar e depois embrulhar uma bala – e, então, a bala apareceria sendo desembulhada e embrulhada

<sup>6</sup> As escolas da rede estadual do Paraná receberam, em 2007, televisões de 29 polegadas, com entrada para *pendrive*, para todas as salas de aula. Elas são todas na cor laranja – para evitar qualquer tipo de roubo ou desvio, sendo facilmente identificadas como propriedade da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

novamente, sem as mãos que fariam isso. Uma dupla ficou em dúvida sobre criar um vídeo em que um lápis fosse apontado, mostrando a ponta ficando mais afiada, ou uma carteira sendo derrubada. Uma estudante, que parecia tímida, a princípio não parecia muito interessada na oficina e que disse que preferia fazer sozinha, no decorrer da aula começou a interagir com alguns outros estudantes e ali formou-se um grupo. Ela deu a ideia de fazer um vídeo descascando um poncã, e comprometeu-se em levar a fruta na aula seguinte. Outro grupo teve várias ideias: primeiro, um artesanato; depois, algo relacionado à guerra e à tiroteio; e, ainda, uma integrante sugeriu fazer sobre fotossíntese (pois ela já havia feito um *stop motion* com essa temática). Por fim, decidiram por uma guerra com soldadinhos de brinquedo. Um grupo quis fazer com uma bolinha de papel sendo amassada, mas mudaram para uma dobradura de avião. O último decidiu por fotografar canetas saindo do estojo e, depois, voltando para o estojo.

O primeiro dia da oficina finalizou com alguns grupos mais avançados no roteiro – alguns deles até já testando fotografar os objetos – e outros ainda um pouco perdidos. Para a aula seguinte, os estudantes deveriam levar os materiais que fossem necessários para serem fotografados.

No segundo dia, então, a primeira surpresa foi a presença de alguns estudantes (quatro) que não estavam no anterior, e outros que estavam e faltaram nesse dia (três). Essa é uma característica importante da Educação de Jovens e Adultos, a qual não foi considerada no planejamento, já que a oficina previa uma continuidade entre os encontros. Havia 18 estudantes, nesse dia. Esses estudantes entraram em grupos já formados para seguir com a atividade, que foi a eles explicada.

No planejamento, essa aula seria realizada na sala de informática. Chegando lá, porém, havia mais estudantes do que cadeiras, porque a sala também é utilizada pelos professores para preparação de aulas, pois são os únicos computadores disponíveis para eles também. Assim, como uma decisão rápida, todos voltaram para a sala comum – o que não seria tão ruim se não fossem as muitas escadas entre uma sala e outra!

O estudante que levaria os soldadinhos se esqueceu, tendo que improvisar e fotografar outro objeto para o vídeo. Por outro lado, a estudante que levaria o poncã, e que não estava muito animada no primeiro dia, lembrou-se. Um dos grupos, que havia fotografado o avião de papel na aula anterior, recusou-se a fotografar novamente, e não fez a atividade desse dia – mesmo que as estagiárias tenham apresentado algumas técnicas para obtenção de um bom resultado, como a não movimentação da câmera e a preservação da iluminação em todas as fotografias. Os demais grupos empenharam-se bastante nesse dia, com muitos esforços para que as fotografias ficassem interessantes e com qualidade.

No terceiro dia da oficina, seriam criados os vídeos com as fotografias dos grupos. Para isso, foi reservada a sala de informática e, anteriormente, as estagiárias testaram para saber se os computadores tinham acesso à internet – o que era necessário para utilizar o editor de vídeos do YouTube. Estavam presentes 21 estudantes, sendo que alguns chegaram já no final da aula.

Um problema encontrado foi com o sistema operacional dos computadores (Linux) para descarregar as fotografias dos celulares. Por alguma razão, os computadores não reconheciam os cabos para transferência das fotografias. A saída encontrada pelas licenciandas foi enviar os arquivos para o endereço de e-mail que seria utilizado como *login* no YouTube para edição dos vídeos – o que funcionou.

Algumas outras dificuldades encontradas pelas estagiárias foram que um grupo contou que apagou todos os arquivos acidentalmente e outro também, que, ao tentar enviar as imagens para um colega do grupo, acabou por apagá-las. Outro grupo estava sem as fotografias que foram feitas pelo celular de um dos integrantes, que chegou apenas no fim da aula. Esse grupo optou por improvisar, fazendo novas fotografias rapidamente nesse dia.

Dois grupos, apenas, conseguiram finalizar os vídeos neste terceiro encontro: o que fez o vídeo com o poncã e o que fez o avião de papel. Os outros terminaram em casa.

As dúvidas que surgiram ao montar os vídeos foram a quantidade de fotografias necessárias e o tempo em cada uma delas para dar a sensação de movimento. Com algumas indicações das estagiárias e por meio de tentativas, os grupos foram determinando os tempos necessários para que o objetivo fosse alcançado. As estagiárias discutiram com a turma as contas que deveriam fazer para encontrar o tempo total do vídeo, a partir da quantidade de fotografias que tinham. Alguns notaram que, com o número de fotografias que tinham, os vídeos ficariam mais curtos do que haviam planejado.

Por fim, no quarto dia, para a socialização dos vídeos produzidos<sup>7</sup>, houve um empenho por parte da direção e da coordenação pedagógica da escola, deixando tudo montado, para evitar novos problemas, com uma tela de projeção para a exibição dos vídeos. Nesse dia estavam presentes todos os 21 estudantes que participaram da oficina. As estagiárias levaram pipoca e refrigerante para os presentes, tornando a atividade mais descontraída e simulando o ambiente do cinema.

Entre a exibição de um vídeo e outro, as estagiárias questionavam os estudantes sobre o processo de criação dos vídeos, os resultados obtidos e, ainda, sobre a quantidade de fotografias e o tempo entre elas para dar a sensação de movimento do *stop motion*. Não houve, porém,

---

<sup>7</sup> Eles estão disponíveis no YouTube, nos seguintes links: <https://youtu.be/WTChOjU4noQ>; <https://youtu.be/kDVqPgOBrPU>; [https://youtu.be/P87N4\\_1Y4gA](https://youtu.be/P87N4_1Y4gA); e <https://youtu.be/9JdN6pHpzFo>.

grande participação dos estudantes nessas últimas questões, referentes à matemática presente na oficina.

## DISCUSSÃO

Por meio de uma metáfora, Jackson (2001, p. 197, tradução nossa) afirma que “o curso do processo educativo se parece mais com o voo de uma borboleta do que com a trajetória de uma bala”. Foi exatamente isso que pudemos notar na oficina de *Stop Motion*, aqui descrita: entre o planejamento e a execução houve muitos desvios, imprevistos e improvisos.

Nesta discussão, e para finalizar o relato de experiência, colocamos em análise o planejamento das atividades pelas licenciandas, que permitiu antecipar algumas situações, mas que não deu conta de tudo. Ao lidar com outros seres humanos, no ambiente escolar – tão complexo e dinâmico –, as estagiárias se depararam com diversos imprevistos, sobre os quais precisaram tomar rápidas decisões para atingir os objetivos que traçaram antes do início das atividades da oficina.

Como dito anteriormente, o Estágio Supervisionado B, no curso, é o primeiro momento em que há regência na Educação Básica. Assim, havia uma grande expectativa dos licenciandos matriculados na disciplina para a experiência de ser professor. As duas licenciandas que fazem parte deste relato (chamaremos de Licencianda J e Licencianda M) registraram em seus *blogs* essa expectativa:

*Licencianda M:* Nesse Estágio espero aprender coisas novas, diferente do estágio A que eram apenas observações [...]. Mas agora a conversa é mais embaixo e vamos ter que dar conta de uma sala cheia de alunos.

*Licencianda J:* Espero ver realmente a realidade da escola, comparando com a teoria. Pois a prática é diferente da teoria.

A proposta para as oficinas, feita pela professora da disciplina e orientadora dos estagiários, não permitia que os licenciandos planejassem aulas tradicionais de matemática – primeiro, porque as oficinas não poderiam ser de temas matemáticos, mas de outros temas que pudessem trazer a matemática à tona, de forma secundária; segundo, porque a própria ementa da disciplina apresentava outras possibilidades (com os nomes de oficina e projeto) para o estágio. Assim, no sentido de Oliveira e Cyrino (2011), a vivência nas oficinas traria a vulnerabilidade para a formação desses futuros professores: “não a vulnerabilidade que enfraquece, susceptibiliza e é paralisante [...], mas a que nos permite suspender por alguns

instantes, mais ou menos longos, e mais ou menos frequentes, as nossas certezas e convicções” (p. 112).

Sem dúvida, seria mais fácil para licenciandos que nunca ministraram uma aula que pudessem fazê-la do modo mais próximo àquilo que viveram enquanto alunos. No caso da matemática, isso seria algo próximo à aula tradicional, caracterizada pela apresentação de um conceito ou de uma técnica ou algoritmo, seguida de exemplificação, para, então, os estudantes resolverem exercícios parecidos, com grau de dificuldade crescente, que seriam corrigidos pelo professor, ao final da aula.

Até que ponto, porém, experienciar isso na fase inicial da formação acaba por reforçar essa estratégia como única para a prática profissional? Tardif (2000) afirma que os saberes profissionais do professor são temporais e, em um dos sentidos, isso está relacionado com os primeiros anos de prática influenciarem a estruturação de rotinas futuras. Apesar de ainda ser o estágio supervisionado, a disciplina em questão apresenta-se como um contraponto ao ensino tradicional vigente, podendo mostrar-se como alternativa e possibilidade para as aulas de matemática que os professores virão a ministrar futuramente.

A fase do planejamento, contudo, visava diminuir a ansiedade das licenciandas ao, também, prever algumas situações que poderiam ocorrer durante a oficina. No dia em que elas apresentaram para a turma da disciplina de Estágio Supervisionado B a ideia da oficina, precisaram, também, simular a criação de vídeos com os colegas – o que foi muito interessante, pois antecipou dúvidas que poderiam surgir com os estudantes da Educação Básica. Uma delas foi com relação ao editor de vídeos do YouTube, que pede para que o usuário insira o tempo que cada foto deve ficar na tela. A unidade de medida no editor era segundo, mas havia, também, frações dessa unidade. As licenciandas, a princípio, não sabiam nomeá-las e supuseram que seriam “milésimos de segundo”. Após o debate com a turma e com a professora, restou a dúvida sobre o nome correto, já que o editor não trazia essa informação. Em uma orientação, posterior a esse dia, mas anterior ao início da oficina, a professora pesquisou e mostrou a elas que se tratava de “décimos de segundo”. Assim, durante a oficina, as estagiárias puderam falar com tranquilidade sobre as unidades de tempo utilizadas pelo YouTube.

Elas relatam os sentimentos dias antes do início da oficina, em seus *blogs*:

*Licencianda J*: Passei hoje aqui pelo meu *blog* para compartilhar meu desespero com vocês. Pessoal, nós do estágio b, como sabem, vamos fazer oficinas, imagine só a primeira regência, que desespero. [...] minha amiga pensou no *stop motion*, é legal a teoria e tal, o vídeo pronto do *stop motion* é show, mas tem um pequeno problema rsrs: sou uma negação com essa parte tecnológica, editar foto sou total fracasso, imagina editar um vídeo com dezenas de fotos. [...]

Pois bem, imagina meu desespero durante as semanas, por não saber nem por onde começar rrsrsrs. [...] Minha amiga preparou o vídeo e eu pesquisei bastante a respeito, para apresentar a oficina para a turma de estágio, deu tudo certo na apresentação. Estou mais confiante em relação à oficina no colégio, mesmo com um pouquinho de medo, mas vai dar tudo certo.

*Licencianda M:* Hoje vim falar um pouquinho sobre a expectativa que está sendo preparar uma oficina para ministrarmos. É muita responsabilidade estar à frente dos alunos e conduzir para que a atividade consiga ser realizada.

A dinâmica das aulas, descrita no planejamento da oficina *Stop Motion*, por si, já era bastante imprevisível, pois, para o seu sucesso, dependia da ampla participação dos estudantes. Um receio que as licenciandas tinham era sobre o interesse dos estudantes em participar da oficina. No primeiro dia, uma estudante mostrou-se resistente à participação, pois ficou apenas escrevendo (algo não relacionado à oficina) durante a explicação e disse que preferia fazer sozinha a atividade. Depois de um tempo, mudou de ideia e se juntou a um grupo. O fato de ela ter aceitado participar – e, inclusive, emprenhando-se para a criação do vídeo com o poncã – trouxe um certo alívio para as licenciandas.

Porém, algumas situações que aconteceram não faziam parte das possibilidades antecipadas pelas estagiárias no planejamento das atividades. Como afirma Sampaio (2004, p. 1), em referência à fala de um estudante de Pedagogia, “a rotina é o imprevisto”.

No *blog*, uma das licenciandas diz sobre isso:

*Licencianda M:* Hoje venho contar para vocês como foi realizar a oficina sobre *stop motion* com os alunos do CEEBJA<sup>8</sup>. Inicialmente encontramos alguns probleminhas mas que conseguimos contornar.

No primeiro dia, foi a dificuldade para exibir os vídeos que exemplificariam o que é a técnica de *stop motion*:

*Licencianda M:* No primeiro dia, o que tinha que dar errado, deu. Rs. Chegamos para pegar o projetor e uma professora que havia usado ele no período da tarde não devolveu o cabo e ninguém sabia onde estava esse cabo. Perguntei se na tv da sala rodava vídeo no formato mp4 e elas disseram que sim. Falei. Então. sem problemas, eu trouxe salvo no *pen drive* e coloco na televisão. Chegamos na sala e, ao ligar a tv, o controle não funciona, vai a J lá embaixo buscar outro controle, ela voltando vou mudando até chegar no vídeo e, surpresa, o formato não era suportado. A professora que havia emprestado disse que tinha mandado a filha dela levar o cabo.

---

<sup>8</sup> Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) – sigla utilizada para as escolas estaduais do Paraná que oferecem Educação de Jovens e Adultos.

Mas eu e a J decidimos que iria atrasar muito ficar esperando pelo cabo, como nós havíamos levado o computador, colocamos os vídeos para rodar simultaneamente nos computadores para que eles pudessem assistir.

No segundo dia, foi a questão da escolha da sala onde tirar as fotografias:

*Licencianda J:* passei uma vergonha, kkk, porque tinham vários alunos que não tinham aparecido na aula anterior, explicamos o que seria feito e colocamos eles em cada grupo que já sabiam o que fariam. No momento de tirar as fotos, pedi a eles que fossem para a sala de informática, porque pensei que seria melhor o ambiente para tirar essas fotos, a M disse que era melhor deixar todos em sala, mas como pensei em ter já reservado a sala, teríamos que usar de qualquer jeito, rsrs. Galera, quando a sala toda desceu para o laboratório de informática quase tive um treco, me deu até ataque de riso de nervoso, kkkk, porque tinha muito aluno e não tinha espaço suficiente para eles, kkk, e a professora observou esse dia, aí bateu maior desespero, kkkkk. Mas naquela sala não teria condição de fazer nada, rsrs, com uma tremenda cara de pau, pedi aos alunos que retornassem à sala, isso tudo aconteceu em menos de 5 minutos, kkkkk, eles estavam cansados de ter descido um monte de escadas e tiveram que subir, kkkk, mas o bom é que eles aceitaram de boa ainda. E subiram sem nem reclamar. Kkkk. A professora C<sup>9</sup>, coitada, pensei que daria um treco nela, kkkk, mas resolvemos que na sala de aula seria ideal para fotos, kkkkk. Depois de todo esse transtorno!

No terceiro dia, novos imprevistos:

*Licencianda M:* Neste dia tivemos problemas com alguns grupos que não levaram as fotos para a criação dos vídeos e também com a questão do sistema operacional, os alunos não conseguiram encontrar o dispositivo celular no computador e íamos tentando atender os grupos ao nosso alcance. Esse foi o dia mais tumultuado e que pensei que ninguém ia conseguir fazer nada, apesar disso dois grupos conseguiram terminar a edição dos vídeos e um dos grupos que havia apagado as fotos conseguiu tirar outras e quase terminar de montar o vídeo em aula, eles terminaram em casa. O outro grupo que era das meninas que haviam apagado as fotos também não voltaram depois do intervalo, chegando apenas no momento em que acabamos a aula, resultado, elas não tiveram vídeo para apresentar para a sala.

*Licencianda J:* Então vou falar do terceiro encontro, galera, vocês não têm noção o problema que deu esse dia. [...] fomos iniciando ligando os computadores, dizendo para eles irem colocando os cabos nos celulares para descarregar as fotos e tal, mas imagina o que aconteceu, um dos grupos disse que a irmã mais nova tinha apagado todas as fotos... nossa!!! Que raiva que eu fiquei, aí disse para elas pensarem em algo para tirar fotos ali na hora mesmo. Um outro

---

<sup>9</sup> Referência à professora regente da turma, que acompanhou todas as atividades da oficina.

grupo, o garoto que estava com as fotos chegou muito atrasado, aí as meninas improvisaram com uns brinquedos do filho, elas simularam uma corrida que tinha como participantes um carrinho e um porco, rsrs, o porco na criação improvisada delas quem foi o vencedor, rsrs, esse mesmo grupo um dos meninos foi passar as fotos para elas e acabou apagando tudo ao invés de encaminhar. Agora, pensa que situação: dois grupos sem ter o que fazer porque não tinham fotos, um grupo ainda se virou, mas enquanto o outro só ficavam rindo e assistindo uns vídeos tão inúteis, que não dá nem para explicar. Quando pensamos que seria apenas esse problema, encontramos outro, no momento de descarregar as câmeras, não abriu nenhum dispositivo, e aí sim bateu desespero. [...] Com todos esses problemas de não conseguir descarregar, perdemos muito tempo da aula, e não deu tempo de falar a respeito da matemática. Com um grupo ou outro ainda consegui comentar a respeito de quantas fotos caberiam em 1 segundo, para que desse a impressão de movimento no vídeo. Mas foi muito pouco isso, devido aos imprevistos.

Todas essas situações vivenciadas pelas licenciandas, exigiram delas decisões rápidas e racionais. Apesar da raiva, da decepção e da frustração, a oficina continuava. Em oposição à dicotomia entre saberes da prática profissional e saberes acadêmicos – aprendidos no curso de formação inicial –, em situações de imprevistos, os professores colocam em ação saberes constituídos (e em constituição). Nesse sentido, afirma Sampaio (2004, p. 5): “Se os imprevistos revelam os conhecimentos das professoras que devem ser valorizados, eles também ensinam na prática um outro conhecimento [...]: a capacidade de tomar decisões”.

Compreender esse saber da prática como um saber, indica “[...] um rompimento entre a oposição cartesiana entre os termos intuitivo e racional, que convivem nas mesmas atitudes dos docentes. Além de se configurar em uma valorização deste conhecimento da experiência” (SAMPAIO, 2004, p. 5).

Como afirma Tardif (2000, p. 7),

Esses conhecimentos exigem também autonomia e discernimento por parte dos profissionais, ou seja, não se trata somente de conhecimentos técnicos padronizados cujos modos operatórios são codificados e conhecidos de antemão, por exemplo, em forma de rotinas, de procedimentos ou mesmo de receitas. Ao contrário, os conhecimentos profissionais exigem sempre uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los.

Finalizamos este texto, reafirmando a importância do planejamento, de preferência sob orientação ou supervisão de um professor mais experiente ou que traga possibilidades teóricas para subsidiar as ações, e em conjunto com outros professores em formação, que podem

antecipar dúvidas, questões, dificuldades, e dos saberes constituídos na prática – onde os imprevistos acontecem.

## REFERÊNCIAS

JACKSON, P. W. *La vida en las aulas*. 6. ed. Madrid: Morata, 2001.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática? In: BICUDO, M. A. V. *Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1999. p. 75-94.

OLIVEIRA, H. M.; CYRINO, M. C. C. T. A formação inicial de professores de Matemática em Portugal e no Brasil: narrativas de vulnerabilidade e agência. *Interacções*, Lisboa, n. 18, p. 104-130, 2011.

SAMPAIO, M. N. Quando a rotina é o imprevisto, ou o diálogo entre o pré-estabelecido e o contexto dos acontecimentos na sala de aula. *TEIAS*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9-10, p. 1-11, jan./dez. 2004.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 5-24, jan./abr. 2000.